



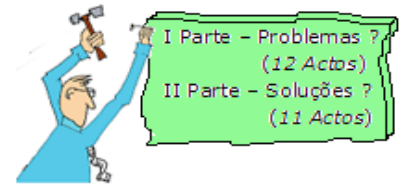
Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



Lupa sobre a democracia _ Acto 8

Votação democrática: tem a certeza?



Naquela tribo de 100 membros, ia haver um votação sobre o ritual de adesão à tribo.



Os organizadores disseram as regras:

1. Todos devem votar. O absentismo não é digno de um membro da tribo.
2. Quem não souber o que escolher não vota e entrega o **voto em branco**. Este voto não será considerado, pois o eleitor está confuso sobre o que quer.
3. Quem não souber como se vota e fizer erros no modo de votar, o **voto é nulo**, e não será considerado, pois o eleitor não sabe participar na democracia.
4. Cada um tem apenas que escolher e marcar o que deseja (**voto correcto**), e no final a soma dos votos dará o que a maioria quer.

UMA VOTAÇÃO DEMOCRÁTICA É A ESCOLHA DO QUE A MAIORIA QUER.

O boletim de voto era:

O ritual a adoptar é:

- uma facada num braço
- um tiro numa perna
- uma cacetada na cabeça

Para o adeptos (partidários) da facada (15), do tiro (15) ou da cacetada (15) a democracia de dizer o que queriam era fácil, óbvia e possível.

Para aqueles que não queriam nem facada, nem tiro, nem cacetada (55) como poderiam votar? Como poderia a Democracia também funcionar para eles ?

- Se não votassem, não era digno, e a votação far-se-ia como se eles não existissem.
- Se votassem branco, o voto não era considerado e a votação far-se-ia como se eles não existissem.
- Se escrevessem o seu desejo no voto, o **voto era nulo** e a votação far-se-ia como se eles não existissem.

A única solução é escolher **NÃO O QUE QUERIAM, MAS APENAS O MENOS MAU DO QUE NÃO QUERIAM**.

O resultado final foi o partido da "cacetada" ter 55 votos, ganhando por uma maioria de 55%, maioria essa constituída por 15% dos que tiveram o que desejavam e 40% dos que tiveram o melhor entre aquilo que não desejavam.

Tempos depois os que foram democraticamente eleitos tiveram que usar o poder, a autoridade e a (re)pressão para manter todos no resultado da votação e impedir que abandonassem a "Democracia".

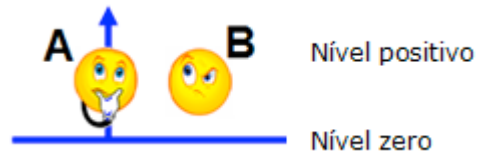
Democracia: Sistema político em que cada um tem o direito e as condições de expressar a sua vontade.

Numa escolha existem 2 alternativas base:

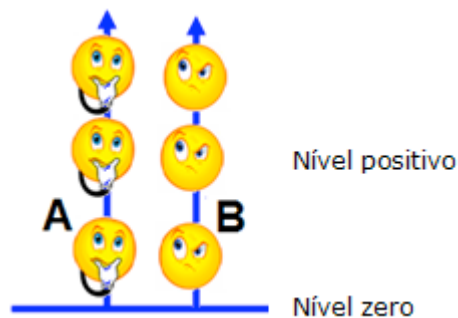
- Seleccionar **o melhor** entre aquilo que se quer
- Seleccionar **o menos mau** entre aquilo que não se quer

Uma aplicação deste princípio está por exemplo na competição entre duas pessoas "A" e "B":

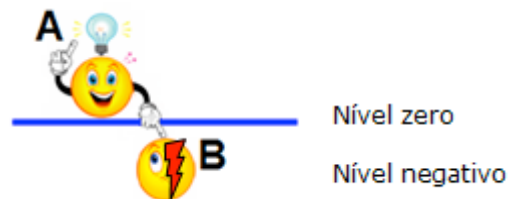
1 - "A" tentará ganhar procurando ser melhor que "B"



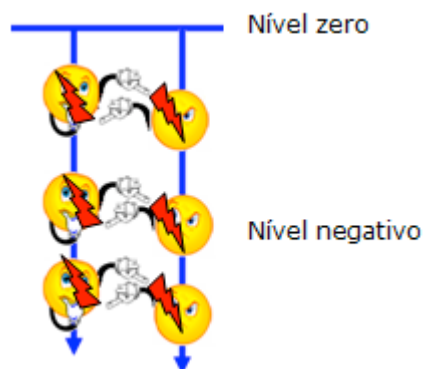
Se os dois tiverem a mesma estratégia origina-se uma **competição pela positiva:**



2 - ou "A" tentará ganhar procurando que "B" seja pior que ele



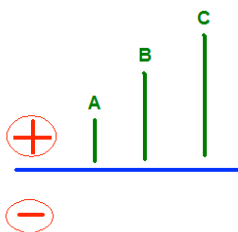
e se os dois tiverem a mesma estratégia origina-se uma **competição pela negativa**, podendo ir até à destruição mútua:



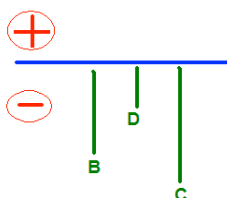
Quando existem as duas formas em simultâneo, normalmente a competição negativa toma a preponderância, sobrepõe-se à outra, e tudo se encaminha para a destruição mútua, num jogo de perde-perde, onde o que ganha é apenas aquele que **perdeu menos**.

Uma escolha pode funcionar do mesmo modo,

1 – selecciona-se o que quer entre aquilo que gostaria de ter:



2 – ou selecciona-se o “menos mau” entre aquilo que não gostaria de ter:



Neste caso a proposta de selecção é uma proposta armadilhada, constituindo uma **falsa escolha**. Na verdade, quem escolhe nunca pode manifestar a sua opção, no mínimo seria “*não quero nenhum dos propostos*” ou, no máximo, um espaço para escrever um nome (plebiscitar). Não existindo esta alternativa, ter-se-á que escolher entre os que existem, por muito grande que seja a sua recusa a qualquer deles.

Na verdade, a verdadeira escolha é prévia, ou seja, no momento em que se constrói a lista das possíveis alternativas. Esta lista só vai conter as que os organizadores querem, portanto qualquer que seja a escolha posterior eles nunca poderão perder *.

* - Esta técnica pode ser usada em negociações. O verdadeiro controlo é a lista das alternativas, a escolha entre elas não é importante: qualquer uma serve!

Nesta situação o jogo democrático está armadilhado, é uma **falsa escolha** pois ou escolhe dentro da armadilha (entre os que já foram escolhidos previamente) ou não escolhe nada, e neste caso a sua passividade “confirmará o resultado, qualquer que ele seja: a posição “**não ao proposto**” não pode aparecer.

Antes de começar, jogo já está perdido à partida, pois só há um resultado possível (um dos propostos vai ganhar).

No caso da democracia, estas regras introduzem jogos partidários do tipo “**estratégias do mal menor**”:

“...não tem o objectivo de mostrar que é bom, mas sim de mostrar que o outro é pior que ele”.

Na verdade esta estratégia é inteligente dentro deste jogo de perde-perde: nenhum ganhará, apenas um perde menos que o outro, portanto este será o ganhador *.

* - A diferença entre vencedor e ganhador é que o vencedor gere o processo que o leva à vitória e o ganhador apenas “colhe a vitória” obtida pelas acções ineficazes dos outros, ou por resultados aleatórios:

“Venço a corrida, mas ganho a lotaria”

Se o outro é tão mau, que a recusa é enorme (do tipo “todos menos ele”) não há um vencedor, apenas um ganhador, pois o outro é que perdeu mais. Neste caso, o eleito não tem o apoio da sociedade, o outro é que tem a recusa dessa sociedade. **Há uma coesão social ANTI e não uma coesão social PRÓ**, pois a sociedade sabe o que não foi escolhido, mas não sabe o que foi escolhido.

A fractura social já nasceu, só falta saber quando explode...normalmente apanhando “boleia” de uma crise.

A situação actual de Barak Obama na sua relação com a crise económica é um exemplo do contrário a este jogo "perde-perde". É uma nítida posição PRÓ, um jogo ganha-ganha feito de coesão social, coesão esta que não é tentada obter pelo "faz de conta" do marketing político ou da autoridade repressiva, mas por acções e posições credíveis e transparentes politicamente.

Dois critérios simples para diagnosticar onde se está (jogo perde-perde ou jogo ganha-ganha):

1 - existe uma imagem clara do futuro que cada um propõe, ou são apenas frases "à La Palisse" ?

Ex:

"o melhor para Portugal" (havia de querer o pior), "reduzir o desemprego" (havia de querer aumentar), "combater a crise" (havia de querer favorecer), "usar todos os meios à disposição" (havia de querer não usar todos, ou usar meios que não tem à disposição), "fazer o melhor possível" (havia de fazer o pior possível, ou o mínimo possível) etc.

A técnica de detecção é simples: basta pensar o oposto do que é afirmado, se a conclusão for óbvia ou uma "parvoíce", então estamos perante uma La Palissada.

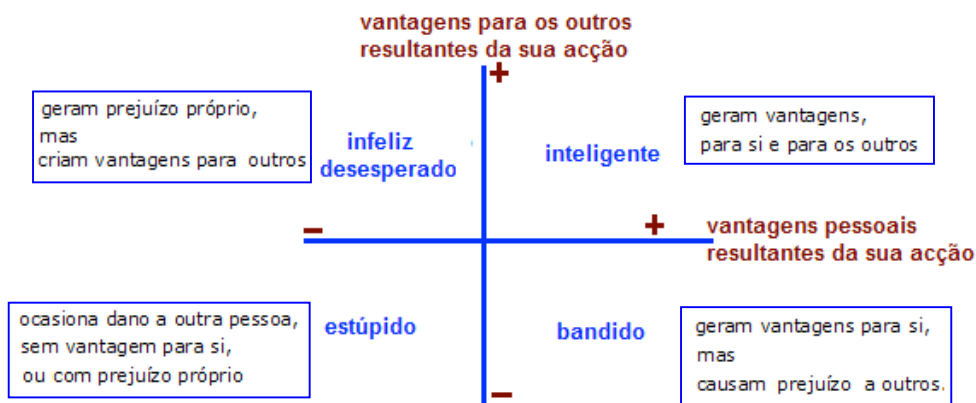
2 - Num discurso, debate, exposição, etc. o tempo gasto a dizer mal do outro é superior ao tempo gasto a apresentar as suas ideias/posições ? O seu foco é apresentar as asneiras do outro ou soluções e análises aos problemas existentes?

O jogo perde-perde está muito ligado às análises sobre a estupidez.

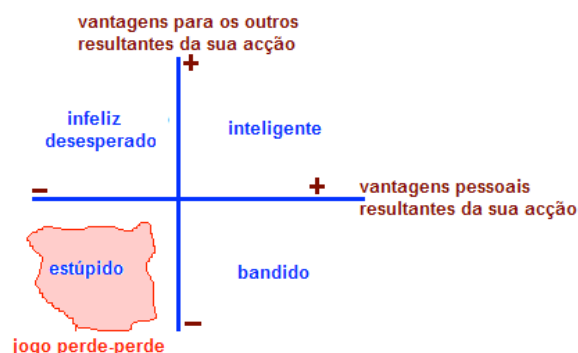
(Ver Giancarlo Livraghi, Walter B. Pitkin, Carlo M. Cipolla)

Segundo a 5ª Lei de Cipolla a pessoa mais perigosa que pode existir é a pessoa estúpida.

De acordo com a sua teoria, podem existir 4 tipos de pessoas:



Segundo o Professor Cipolla (Professor de Historia Económica em Berkeley) o "**estúpido é mais perigoso que o bandido**", porém o jogo perde-perde insere-se claramente na área da estupidez. As vantagens deste jogo é procurar ter menos "feridas" do que as feridas que provoca ao outro. Mas numa linguagem correcta, não haverá vantagens mas apenas menos prejuízos.



Numa votação de 100 pessoas, com 3 candidatos, em jogo perde-perde, pode acontecer que o ganhador ganhe com maioria de 60%, que na realidade são apenas 12%:

Dos 100 votantes, 80 são abstenção, brancos e nulos
20 são votos válidos, e destes
o ganhador tem 12 (60% dos 20 e 12% dos 100)
e os restantes 4 votos cada.

Regressando ao exemplo da tribo e do ritual em votação, a questão principal é: Como se pode sair da armadilha? Como é que se pode votar (MOSTRAR) a sua vontade se tal não é possível, pois as alternativas que existem são todas becos sem saída?

Na situação apresentada, NÃO É POSSÍVEL sair da armadilha, pois a escolha democrática proposta, não é democrática, é uma falsa escolha.

A única solução é destruir a falsa escolha e possibilitar uma escolha verdadeira, por exemplo:

O ritual a adoptar é:

- uma facada num braço
- um tiro numa perna
- uma cacetada na cabeça
- nenhum destes

Neste caso, a armadilha está desarmadilhada, pois o direito democrático de "não dizer o que não quer" está garantido. A democracia são dois direitos:

- **Poder** de dizer o que quer
- **Poder** de não dizer o que não quer

que não se opõem, não se anulam e não são o mesmo.

***Liberdade é o poder de dizer "não".
Obter "sim's" é a essência da ditadura.
As prisões são sistemas baseados em
"sim's" por parte dos presos.***

Por outro lado, e esta será a principal alteração democrática, a relação entre os candidatos altera-se pois agora o jogo passa da:

- a certeza de que um deles ganhará, qualquer que seja a quantidade de votos que obtenha,

para

- o risco elevado de todos poderem perder, pelo que a sua principal preocupação deixa de ser o "adversário" e prejudicá-lo, para serem os seus eleitores e beneficiá-los.

Retomando a teoria de Cipolla, passa de "estupidez escondida e moderada" para "estupidez às claras e agudizada", passa de perde-perde para

perde pouco, muito ou tudo !

A democracia deixa de ser um sistema de construção de coesão social em direcção ao progresso de um futuro comum e passa a ser um sistema de construção de fracturas sociais em direcção à delapidação do futuro comum.

Como complemento, um "bug" democrático conhecido desde o século XVIII:

(Com base em Condorcet, 1785, (*Pluralité des voix*), estudo sobre a probabilidade das decisões por maioria.)

Imagine-se uma votação política com dois candidatos:

**o senhor A que obtém 40% dos votos,
o senhor B que obtém 30%, e
os brancos e nulos com 30%.**

A solução final é simples,.

Supondo agora que existe um terceiro candidato, o senhor C, o resultado poderia ser:

**o senhor A com 40% dos votos,
o senhor B com 40%,
o senhor C com 10% e
os brancos e nulos com 10%.**

Neste caso, o senhor C sairia da eleição e, numa 2ª volta, disputar-se-ia a votação apenas entre os senhores "A" e "B" e o resultado seria exactamente igual ao do 1º caso:

**o senhor A que obteria 40% dos votos,
o senhor B que obteria 30%,
e os brancos e nulos teriam 30%.**

A solução final seria a mesma, nada se alterava, o senhor A seria eleito.

Porém numa análise mais cuidada, a situação agora é completamente diferente.

Neste último caso, o sistema eleitoral é bastante mais complexo que o primeiro, pois contém mais variáveis e, assim, o modelo de solução já não pode ser o mesmo.¹

Vamos supor que:

1º - os adeptos do senhor "A" afirmavam que, no caso dele não ser eleito, o único eleito que aceitariam, seria o senhor "C", porque com o senhor "B" a situação era insustentável; e que

2º - os adeptos do senhor "B" afirmavam o mesmo; isto é, se ele não fosse eleito, o único líder que aceitariam seria o senhor "C", porque nunca admitiriam o senhor "A"².

então, a conclusão a tirar é que quem devia ser eleito era o senhor "C" como o candidato de todos.

Na verdade, somando as escolhas dos seus apoiantes com as segundas opções dos partidários de A e B, ele obteria 90% de apoio (40+40+10). Seria ele o verdadeiro candidato integrador dos consensos e dos dissensus existentes, mas, pelas regras eleitorais existentes, já teria sido excluído. A fractura social já era inevitável.

Em sistemas eleitorais complexos, é necessário integrar na solução o *máximo contentamento com o mínimo de descontentamento*.

¹- Um instrumento de controlo ou solução de um sistema não pode conter menos variância do que o próprio sistema a controlar ou solucionar (*teoria dos sistemas complexos*).

²- Brasil: seria este o caso aquando da eleição presidencial entre Collor de Melo e Lula, quando esteve à beira da guerra civil, pois nenhum dos partidários de um queria o outro?